

**INFLUÊNCIA DA VARIEDADE LINGUÍSTICA MOÇAMBICANA NOS TEXTOS  
PRODUZIDOS PELOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS**

INFLUENCE OF MOZAMBICAN LINGUISTIC VARIETY ON TEXTS PRODUCED BY  
UNIVERSITY STUDENTS

INFLUENCIA DE LA VARIEDAD LINGÜÍSTICA MOZAMBIQUEÑA EN LOS TEXTOS  
PRODUCIDOS POR ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS

Sousa Horácio Bartolomeu<sup>1</sup> 0009-0007-6596-7510

Júlio Bernardo Sandaca<sup>2</sup> 0000-0002-6229-1216

<sup>1</sup>Universidade Zambeze – Faculdade de Ciências Agrárias – Tete, Moçambique; [sousahoracio5@gmail.com](mailto:sousahoracio5@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Púnguè – Extensão de Tete – Tete, Moçambique; [sandacaj@gmail.com](mailto:sandacaj@gmail.com)

**RESUMO:**

Analisa-se neste artigo, construções retiradas em textos produzidos pelos estudantes do ensino superior da Universidade Zambeze, Faculdade de Ciências Agrárias, em Moçambique. Neste trabalho pretende-se perceber as influências das línguas bantu em textos escritos por estudantes do Ensino Superior, para isto usou-se a técnica de produção textual espelhando-se no género crítico. A escolha desta tipologia textual justifica-se na reflexão que faria no processo de produção de textos provenientes de suas capacidades cognitivas, no final teve-se um total de Cem (100) textos e em cada um foi retirada uma frase. Após a análise de dados, verificou-se que os estudantes (1) não possuem o conhecimento da forma correcta na escrita de palavras, (2) fazem interferência da oralidade para escrita e (3) fazem a tradução directa da língua bantu para o português.

**Palavras-chave:** interferência linguística; variação linguística; produção textual; ensino superior.

**ABSTRACT:**

This article analyzes constructions taken from texts produced by higher education students at Zambezi University, Faculty of Agricultural Sciences, in Mozambique. In this work it is intended to understand the influences of Bantu languages in texts written by students of Higher Education, for this we used the technique of textual production mirroring the critical genre. The choice of this textual typology is justified by the reflection he would make in the process of producing texts from his cognitive capacities, in the end there was a total of one hundred (100) texts and in each one a sentence was removed. After data analysis, it was found that the students (1) do not have the knowledge of the correct way to write words, (2) interfere with orality for writing and (3) translate directly from Bantu to Portuguese.

**Keywords:** linguistic interference; linguistic variation; textual production; higher education.

**RESUMEN:**

Este artículo analiza construcciones tomadas de textos producidos por estudiantes de educación superior de la Facultad de Ciencias Agrícolas de la Universidad de Zambeze, en Mozambique.

En este trabajo se pretende comprender las influencias de las lenguas bantúes en los textos escritos por estudiantes de Educación Superior, para ello se utilizó la técnica de producción textual reflejando el género crítico. La elección de esta tipología textual se justifica por la reflexión que haría en el proceso de producción de textos a partir de sus capacidades cognitivas, al final hubo un total de cien (100) textos y en cada uno se eliminó una frase. Después del análisis de los datos, se encontró que los estudiantes (1) no tienen el conocimiento de la forma correcta de escribir las palabras, (2) interfieren con la oralidad para la escritura y (3) traducen directamente del bantú al portugués.

**Palabras clave:** interferencia lingüística; variación lingüística; producción textual; educación superior.

## Introdução

Moçambique é considerado um país multilíngue e multicultural por vários autores como Siopa (s/d), Wache (2018) e Bartolomeu (2023) em seus estudos, sustentam que a Língua Portuguesa convive com diversas outras línguas do grupo bantu e essa convivência, torna o Ensino Aprendizagem dela um enorme desafio por parte dos professores porque vários utentes possuem-na como Língua Segunda (L2). Diferente doutros países que assumiram a Língua Portuguesa (LP) como o de ensino já há vários anos, em Moçambique, a LP estabeleceu-se como oficial na segunda metade do século XX, em 1975 após a independência. Passa-se, aproximadamente, metade de um século, entretanto até hoje, verificam-se vários desvios na vertente oral tanto como na escrita.

A língua falada é menos estudada porque o falante, no momento da enunciação, não possui o tempo suficiente de organizar as palavras, estruturá-las correctamente, posteriormente fazê-las chegar ao receptor, diferentemente da escrita que aceita um olhar, uma análise, uma aprovação e várias revisões antes de fazê-la chegar ao receptor, e mesmo assim, SIOPA (s/d) sustenta que se tem verificado diversos problemas “erros” na produção textual e para esta autora, estes erros, especialmente, nos estudantes Universitários, surgem, não apenas por causa da multiculturalidade, mas também, pela “deficiência de escolarização que é o resultado das condições em que a aprendizagem formal se realiza (estratégias de ensino centradas no professor, turmas excessivamente numerosas, falta de materiais de apoio, inexistência de bibliotecas escolares). Mais adiante, SIOPA (s/d) sustenta que os estudantes que ingressam na universidade não têm a proficiência linguística e comunicativa que este nível de ensino exige”

Este nível de literacia exigida em contextos académicos têm sido um desafio para os estudantes que possuem a Língua Portuguesa como Língua Segunda (L2), isto porque não estão habituados a conviverem com a norma padrão, daí que se verificam vários desvios que

preferimos chamar neste trabalho como “variação linguística” como em (c) e “erro” como em (a) e (b).

As universidades, por natureza, recebem diversos estudantes provenientes de vários lugares com diferentes línguas maternas e nestes lugares não existem bibliotecas comunitárias onde poderiam passar a desenvolver a leitura e conseqüentemente a escrita, tão pouco recebem tarefas de produção textual por motivos já mencionados acima por SIOPA, esses seria um dos caminhos que se poderiam usar para colmatar alguns problemas de produção textual de vários géneros.

Neste trabalho, apresentam-se alguns desvios encontrados na redacção dos estudantes que é o resultado da variação linguística motivada por factores já mencionados acima por Bartolomeu (2023), Wache (2018) e Siopa (s/d), alguns destes desvios são as que se apresentam em (1). E, considerar estes fragmentos linguísticos como “erro” não seria ético, pois os utentes falam a Língua Portuguesa no seu dia-a-dia, não se esquecendo de que a maioria deles ou todos, possuem-na como Língua Segunda, porém por causa do ambiente e o estatuto social que possuem, não conseguem, formalmente, elaborarem as construções aceites pela Norma Europeia, usada em Moçambique até os dias de hoje. No contexto do Português falado em Moçambique, precisa-se de, não apenas coleccionar os erros cometidos em diferentes níveis pelos falantes, mas também uma reflexão em torno desses desvios espelhando-se na realidade em que a Língua Portuguesa se encontra. Note-se que, nem todos desvios precisam de serem (re) pensados como em (a), (b), cujos desvios se centram a nível morfológico, mas em alguns casos como em (c) precisam-se de sérios estudos e discussões para a normalização destas coocorrências para “um futuro Português Moçambique” como designa (Wache, 2018).

1.

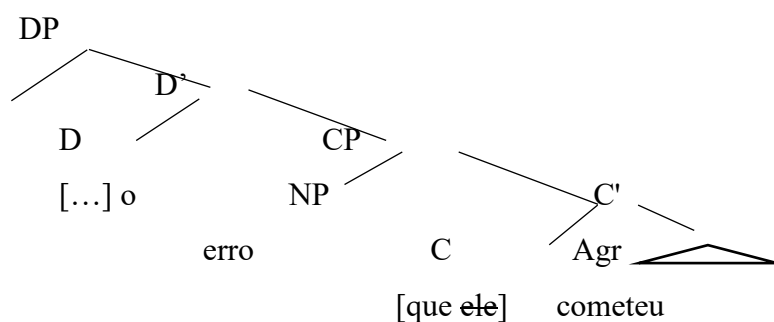
- a) Você não sabe o que | **à** | | **por enfrente** | e | **tái** | o caso do Mário.
  - i. Você não saber o que há enfrente.
  - ii. Está aí o caso do Mário.
- b) Se ele não | **fazer** | Cerimónias em dois dias não pode ir chorar | **na** | porta da casa da Amélia.
  - iii. Se ele não fizer cerimónias em dois dias, não pode ir à porta da casa da Amélia chorar.
- c) Esse foi o erro | **que ele** | cometeu.
  - iv. Esse foi o erro que [-] cometeu.

As construções apresentadas acima são todas desviantes da Norma Europeia e estes desvios centram-se no nível do Léxico, Sintáctico e Morfológico. Além da escolha imprópria de

constituintes linguístico em determinadas frases, também se verifica o erro de escrita de algumas palavras tal como se observa em (1.a). Nesta construção, verifica-se o uso da crase numa situação em que deveria ocorrer o verbo (haver) e os outros desvios, na mesma frase, centram na dupla escolha de léxicos da mesma classe morfológica, o caso de Preposições (por) e (em) que antecedem o Substantivo (frente), além da contração entre o Verbo (estar) e o Pronome deíctico (aí), características meramente orais. E, em (b), também se verificam os desvios da mesma natureza a pesar deste se encostar na tradução directa da Língua Bantu para o Português.

O predicado empregado na construção acima é de movimento e a sua regência é “a” quando indica curta permanência e “para” quando indica longa permanência, neste contexto, temos a contração da Preposição (P) “em” e o Determinante (D) “a” que forma o Sintagma Nominal interno “a porta”. A sua versão correcta seria o emprego da Preposição “a” que resultaria numa crase. Outro aspecto que será verificado nas construções deste género é o posicionamento de Sintagmas para posições não aceites na Norma Europeia como se verifica na frase em análise. O outro aspecto observado na mesma frase é a discordância existente entre o pronome “SE” que introduz a Oração Subordinada condicional e a forma verbal do verbo “FAZER” que deveria estar no modo conjuntivo como se pode constatar em (b.iii)

Já em (c), o desvio centra-se no uso do pronome pessoal recto numa posição que deveria ocorrer a categoria vazia [-]. Este pronome que surge após o morfema relativo “QUE” é recuperado pelo predicado verbal que posteriormente aparece, não só, Bartolomeu (2023) ao definir o morfema “que” como o que desempenha a função de co-referência nas situações em que aparece dentro de CP “Sintagma Complementador” com características +N, acredita que os pronomes pessoais usados depois do constituinte relativo são inúteis tal como se ilustra na árvore abaixo.



Como se pode depreender, há nesta construção, uma tendência de transferência directa da oralidade para escrita, daí que se podem recorrer alguns factores mencionados por SIOPA (s/d) referentes “a falta de bibliotecas comunitárias e existência de turmas excessivas que resultam

no método expositivo por parte dos professores e nesta variação linguística”, portanto, construções desta natureza serão objecto da reflexão durante o desenvolvimento deste estudo.

### **Diversidade linguística em moçambique**

Segundo Timbane (2018, p.20, citado por Bartolomeu, 2023, p.56), Moçambique é um país africano localizado na África Austral, que tem pouco mais de vinte milhões de habitantes, socioculturalmente divididos em várias etnias, cada uma dela caracterizada por uma diversidade linguística extensa. Essa diversidade linguística faz com que a LP não tenha as mesmas características em cada região do país. E de acordo com Lindonde (2018, p.17, citado por Bartolomeu, 2023, p.56) “a LP foi elevada à categoria da língua da Unidade Nacional e de comunicação oficial nos domínios políticos e administrativos em 1975 após se tornar independente” mas durante este período, ainda não se desenvolveu um estudo oficial referente ao número exato das línguas faladas em Moçambique, pois ao longo deste intervalo, diversos estudos ilustraram números diferentes das línguas faladas.

Por exemplo, Firmino (1998, p.250, citado por Bartolomeu, 2023, p.56) nomeia apenas (15) línguas bantus faladas em Moçambique diferenciando-se de outros dados como os de Ngunga (1989) que aponta existirem (33) línguas. Os contrastes sobre o número exacto de línguas bantus deve-se ao facto de cada língua possuir uma ou mais variantes, por exemplo, “Cisena” é uma língua falada na zona centro de Moçambique, mas devido a localização geográfica e contactos com culturas, tradições e hábitos diferentes, a sua fonética é totalmente diferente, daí que, Ngunga (1989) considera que dentro desta língua, existem quatro variedades, por meio desta ideia, a plataforma eletrónica *Ethnologue* (2014) considera, contando com as variantes, um número de quarenta línguas nomeadamente: Nyanja (1), Yao (2), Makhuwa-Meeto (3), Makonde (4), Swahili (5), Mwani (6), Ngoni (7), Makhuwa-Saka (8), Makhuwa-Chirima (9), Lomwe (10), Makhuwa (11), Nathembo (12), Koti (13), Makhuwa-Marrevone (14), Makhuwa-Moniga (15), Chuwabu (16), Maindo (17), Sena (18), Lolo (19), Manyawa (20), Takwane (21), Kokola (22), Marenje (23), Nyungwe (24), Phimbi (25), Dema (26), Nsenga (27), Kunda (28), Tawara (29), Manyika (30), Barwe (31), Tewe (32), Ndau (33), Tsonga (35), Chopi (36), Ronga (37), Zulo (38), Zulo (39) e Swati (40).

Sobre esta diversidade linguística no território Moçambicano, Bartolomeu (2023) sustenta que, as línguas bantu, desde antiguidade, são faladas em toda parte do continente Africano, particularmente, em Moçambique, e é difícil de se fazer a delimitação do espaço exato onde se falava, exclusivamente, o Português. Esse convívio diversificado das línguas faz com

que se observe o fenômeno de bilinguismo e da variação do português em vários níveis como lexical, semântico, morfológico assim como pragmático influenciando assim na vertente escrita.

As Línguas do grupo bantu desde os anos 1980 em que se começou a verificar o uso da língua portuguesa, o seu estatuto social foi perdendo valor passando assim a serem marginalizadas as pessoas que até hoje continuam a falar nos ambientes formais. Como afirma Firmino (2022, p.132) o português é visto como a língua da cidade e uma pessoa não se sente parte legítima da zona central, com a capacidade de ser integrada nos seus esquemas, se não tiver o seu domínio adequado. Por esta razão, aprender línguas autóctones não é um projeto tentador para a geração jovem, dada a dinâmica social da vida na zona central.

A exclusão e a marginalização das línguas bantu é um aspecto psicológico associado, como se vê na citação acima, aos menos escolarizados, razão pela qual, o número de falantes destas línguas tem baixado drasticamente e aumentando o número de falantes da língua ex-colónia, o Português. Segundo os dados apresentados por Gonçalves (2010, p. 4), os dados estatísticos dos censos da população (1980, 1997 e 2007) apontam para estágios de evolução de número de falantes do português como primeira língua (1980 – 1.2%; 1997 – 6.5%; 2007 – 10,7%), ao passo que, relativamente às línguas moçambicanas, há um visível recuo (1980 – 98.8%; 1997 – 93.5% e 2007 – 85.2%).

Para autora, o Português Moçambicano ou o Português em Moçambique nasce com a independência do país em 1975, a partir dos primeiros contatos reais entre ele e as línguas moçambicanas por volta dos anos 1980, porém, apesar de alguns anos se terem passado, a escrita da língua portuguesa nestas pessoas é um desafio enorme por causa das interferências linguísticas especificamente na componente Morfossintáctica, por isso nos interessamos neste trabalho em saber até que nível as línguas excluídas (do grupo bantu) influenciam no português escrito e quais são as possíveis causas destas influências.

### **Escrita académica**

A escrita académica é um processo que merece atenção de vários estudiosos por causa do grau de responsabilidade que estes possuem no mundo académico, especialmente em Moçambique por causa da diversidade linguística visto por muitos estudiosos como influenciadoras da variação do Português e um desses estudos foram desenvolvidas por SIOPA (s/d), leitora de língua e cultura portuguesa do Camões, Instituto da Cooperação e da Língua na Universidade Eduardo Mondlane em Maputo. Ela sustenta que a escrita académica é uma

ferramenta de aprendizagem e um instrumento de comunicação, complexo e multifacetado pois, para além da produção escrita propriamente dita, esta implica um processo de aquisição, transformação e comunicação do conhecimento. Este processo inclui tarefas diversificadas requeridas pelas várias disciplinas, sendo necessário que os estudantes desenvolvam as respectivas habilidades.

Ainda para Siopa (s/d), o conhecimento comunicativo requerido na produção de textos inclui, por um lado, o conhecimento discursivo ao nível dos géneros textuais (construção e integração oportuna, nos diferentes textos, de sequências explicativas e argumentativas) e, por outro, um conhecimento processual (execução de tarefas de pré-escrita e pós-escrita), ao nível da aplicação de estratégias que permitem gerar, monitorar, rever e editar a construção do discurso escrito.

Quando os estudantes têm de expressar conhecimentos relativos às disciplinas da sua área de formação, Ferris (2009) sustenta que, não só devem dominar o vocabulário específico dessa área de conhecimento, mas também se espera que, ao escreverem, o façam processando a informação recolhida. Para tal, SIOPA acrescenta que devem estar familiarizados com os processos cognitivos e verbais implicados nos actos de explicar, sintetizar, fundamentar, incorporar fragmentos textuais (notas e citações), expor (resultados de investigação) e argumentar). É necessário ainda construir textos com introduções e conclusões adequadas, utilizando os elementos de coesão (p. ex. referência pronominal e co-referência) e os padrões de pontuação necessários à progressão e organização do sentido.

## Metodologias

A pesquisa insere-se no paradigma qualitativo e descritivo, pois almejamos apresentar a manifestação da Língua Portuguesa, na vertente escrita, dos falantes que a possuem como Língua Segunda (L2) e para a recolha de dados recorreu-se ao teste de produção provocada aplicado a (100) estudantes do Ensino Superior da Faculdade de Ciências Agrárias (FCA) da Universidade Zambeze em Moçambique. O uso desta metodologia foi motivado pelas ideias de Cambraia (2012, p.295) ao afirmar que a crítica textual contribui para a recuperação, transmissão e preservação do património cultural escrito de um povo. Não só, o mesmo autor acrescenta que a crítica textual tem forte relação com os estudos linguísticos (em especial, com os que tomam o texto escrito como corpus para a análise linguística. Na faculdade onde foram recolhidos os dados ministram-se dois cursos respectivamente Engenharia Agropecuária e Engenharia Alimentar que foram o centro dos nossos estudos. Para o efeito, trabalhamos com

os estudantes do 1º e 4º ano respectivamente o que culminou com a produção de 100 construções linguísticas distribuídas da seguinte forma: Para as turmas do 1º ano, foram produzidas (25 Vinte e Cinco) construções no curso de Engenharia Agropecuária e (25 Vinte e Cinco) no curso de Engenharia Alimentar. A mesma modalidade de distribuição usou-se para os estudantes do 4º ano, ambos de período laboral e para cada texto produzido, foi extraída uma construção frásica resultando no total de 100.

Para o teste de produção provocado, os estudantes foram colocados diante de um livro de crónicas do escritor Moçambicano “Sousa Bartolomeu” intitulado “O País escondido nas pernas” cuja função era de escolher uma crónica e produzir um resumo crítico de acordo com as suas tradições. Ou seja, os estudantes, naturalmente, com o conhecimento que possuem sobre o funcionamento da Língua Portuguesa, poderiam produzir um resumo (texto) crítico explicando como é que a situação é encarrada pela sua tradição. Quanto ao tratamento de dados, todos os textos foram transcritos para o Microsoft office profissional Plus 2010 por meio do sistema Windows 10 Pro Version 22H2.

Para garantir a confidencialidade dos informantes, optamos pela codificação dos mesmos, assim, aos estudantes do 1º ano da Engenharia Agropecuária da Faculdade de Ciências Agrárias será usado o código EEAGFCA1 e aos do 4º ano será usado o código EEAFCA4. Doutro lado, aos estudantes do 1º e 4ºano, respectivamente, do curso de Engenharia Alimentar serão usados os códigos EEALFCA1 e EEALFCA4.

### Apresentação e análise dos dados

As nossas análises centram-se apenas no nível morfosintático e não semântico textual. Ou seja, após a recolha dos textos produzidos, não nos importamos com progressão textual para o nível semântico, mas sim retiramos algumas construções estranhas ao Português como se pode deprender em (1), (2), (3), e (4).

1. Cara de Samora neste texto | refere dinheiro. | EEAFCA4
2. O RH |selecciona questões mais fácil | para ela. EEALFCA1
3. Para o autor, |não-se trabalha sem a cara de Samora. | EEAGFCA1
4. Aqui não há corrupção é | um texto | muito bom. |Porque o texto nos conta | sobre a realidade do nosso mundo. EEALFCA4

Os estudantes do 4º ano, como se referiu anteriormente, são os que já possuem a familiaridade com diversos livros de vários géneros, por isso, as construções produzidas por este grupo eram suposto que seguissem as normas básicas da escrita, porém, não é o que se



verifica em (1). Além da ausência do artigo definido que é a chave para a formação do Sintagma Nominal externo com a função de sujeito, também se verifica a ausência da preposição seleccionada pelo predicado principal da frase. Durante os estudos de Wache (2018) o predicado | *Referir-se* | é classificado como o que subcategoria o Complemento Obliquo e rege a preposição | *a* |. Estas explicações dadas por Wache (2018) surgem como forma de complementar, não apenas a teoria de Seleção Categorial, mas também da Regência e da Subcategorização, ambos pertencentes a teoria de X-barra tal como se observa em (1.1)

PE: | *Referir-se a* |

1.1. *A cara de Samora neste texto | refere-se a | (o dinheiro.)* EEAFC4

As ocorrências semelhantes verificam-se na construção apresentada em (2). O predicado | *Selecionar* | elege o Sintagma Preposicional (SPREP) como se ilustra na versão do Português Europeia abaixo nas construções em 2.1.

PE: | *Selecionar a* |

2.1. O RH | selecciona a | (as questões mais fácil) para ela. EEALFCA1

O desvio presente em (3) acima, diferencia-se dos demais, pois não se centra na Subcategorização, mas sim, na colocação dos pronomes clíticos. Num estudo feito por Wache (2018), ao abordar sobre a colocação dos pronomes clíticos, faz uma abordagem explicativa referente aos parâmetros que se podem seguir para o uso da Próclise, nesta diapasão, sustenta que se pode recorrer a este processo apenas em circunstâncias em que se tenha as palavras atractoras, para isto, ele descarta o uso do símbolo “hífen –” como se pode ver em 3.1. abaixo.

3.1. Não se trabalha sem a cara de Samora. EEAGFCA1

A textualidade faz parte dos elementos de produção de um texto e dentro dela existem vários componentes como é o caso da coesão referencial que foi violada pelos informantes na construção apresentada em (4). O que ocorre na oração em referência é a repetição de Sintagmas Nominais (SN) com as mesmas características e com os mesmos valores semânticos, poder-se-ia, neste contexto, recorrer-se ao processo de elipse que recaia no segundo SN presente na segunda oração ou à coesão referencial, especificamente, a Anáfora que consiste no uso de expressões linguísticas distintas para se referir aos termos já mencionados como se observa em 4.1. e 4.2. respectivamente.

4.1. Aqui não há corrupção | é um texto muito bom, porque nos conta | sobre a realidade do nosso mundo. EEALFCA4

4.2. Aqui não há corrupção | é um texto muito bom. Este nos conta | sobre a realidade do nosso mundo. EEALFCA4

As construções em (2), (3) e (4) respectivamente, foram produzidas de forma agramatical. Esta agramaticalidade deve-se a ausência de práticas de leitura, pois a inserção de artigos e o conhecimento da escrita correcta das palavras tal como se verifica em (2) são questões relacionadas com a falta de práticas de leitura por parte de falantes, pois segundo SIOPA (s/d), a escrita de algumas palavras e o conhecimento da básico da gramática da língua aperfeiçoa-se durante as actividades da leitura. Estas causas podem ser associadas aos números subsequentes como em (3) e em (4), mas não em (1) que é caracterizada pela ausência de preposição e artigo definido do Sintagma Nominal, pois fazendo-se a tradução directa da mesma construção para as línguas do grupo bantu, percebemos a inexistência das exigências citadas acima como se pode observar em 1.1., 1.2. e 1.3.

1.1. [-] Nkhope ya Samora | pa | malembo | pepa | iku dzuisa kubiri.<sup>1</sup>

1.2. [-] *cara de Samora na escrita esta está demonstra dinheiro.*

1.2.[-] Nkhope la Samora | pa | malembo | amenea | iliku thandauza ndalama.<sup>2</sup>

*[-] Cara de Samora na escrita esta está demonstrar dinheiro.*

1.3. [-] Nkhope ya Samora | pa | malembro | pomwepa | iku panguinza kubiri.<sup>3</sup>

*[-] Cara de Samora na escrita esta está demonstrar dinheiro.*

Diferentemente da Língua Inglesa que ocorre obrigatoriamente com Sintagma Nominal externo ou a Língua Portuguesa que opcionalmente exige o uso do mesmo Sintagma em alguns casos, as línguas bantu são excepcionais a estas regras, pois a formação de SN's não ocorre com Determinantes. E nas frases traduzidas para as línguas bantu à nossa escolha, não apenas apresentam a ausência do Artigo definido responsável pela formação o núcleo nominal, mas também presencia-se a ausência das preposições regidas pelos predicados verbais.

Ainda nestas traduções, verificamos a presença de vários elementos que em casos de se recorrer a tradução directa poder-se-á ter o resultado de frases estranhas ao Português como se pode depreender em (4) e em (1).

**Tabela1:** Distribuição de entradas canónicas e desviantes

<sup>1</sup> Segundo Para Ngunga *et al* (2022, p.187), a língua Sena (doravante Cisena, N 44 na classificação de Guthrie, 1967-71), com 1.551.684 falantes de cinco ou mais anos de idade (INE, 2017), é falada nas províncias da região centro de Moçambique respectivamente Manica; Sofala; Tete e Zambézia.

<sup>2</sup> Ainda para Segundo Para NGUNGA, *et al* (2022, p.165), a Localização e número de falantes A língua Nyanja (doravante Cinyanja, N° 31 na classificação de Guthrie, 1967-71), com 1.568.701 falantes (INE, 2017), é falada em três províncias de Moçambique, a saber: Niassa; Zambézia; Tete. Mais adiante, os mesmos autores acrescentam que a mesma língua é também falada nas repúblicas de Malawi e Zâmbia, onde goza o estatuto de língua “nacional” no primeiro caso e de “uma das sete línguas nacionais” no segundo caso.

<sup>3</sup> Para Ngunga *et al* (2022, p.177), a língua Nyungwe (doravante Cinyungwe, N43 na classificação de Guthrie, 1967-71), com 529.048 falantes de cinco ou mais anos de idade (INE, 2017), é falada na província de Tete e na província de Manica.

**INFLUÊNCIA DA VARIEDADE LINGUÍSTICA MOÇAMBICANA NOS TEXTOS PRODUZIDOS  
PELOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS**

Sousa Horácio Bartolomeu • Júlio Bernardo Sandaca

<b>Entradas</b>				
<b>Tipo de ocorrências</b>	<b>Desviantes</b>	<b>Desviantes em %</b>	<b>Canônicas</b>	<b>Canônicas em %</b>
Emprego de artigo definido ou indefinido em situações obrigatórias	74	22,6%	31	9,5%
Concordância verbal	34	10,4%	15	4,6%
Erros morfológicos	23	7%	-	0%
Emprego de pronomes clíticos	61	18,9%	26	7,9%
Uso de anáfora em situações obrigatórias	44	13,4%	18	5,6%
<b>Total:</b>	<b>236</b>	<b>72,3%</b>	<b>90</b>	<b>27,6%</b>

**Fonte:** Elaborada pelo autor (2024)

A tabela acima demonstra a distribuição das entradas após a recolha e tratamento do *corpus* em estudantes do ensino superior da FCA. Conforme se pode depreender, no universo de Cem (100) construções retiradas em Cem (100) textos, resultou-se no total de 326 ocorrências dos quais 236 desviantes correspondentes a 72,3% e 90 canônicas correspondentes a 27,6%. Os desvios centravam-se (i) na ausência dos artigos definidos ou indefinidos em situações obrigatórias como se pode depreender em (1) e (2); (ii) ausência de concordância entre os elementos como em (3) e (4); (iii) erros na escrita de alguns léxicos como em (1.a) na parte introdutória; (iv) emprego indevido de pronomes clíticos como em (5), (6) e (7) e (v) o não uso de anáfora em situações obrigatórias como em (10) e (11).

### **Emprego de artigo definido ou indefinido em situações obrigatórias**

Na construção em (1.1) apresenta-se a ausência destes determinantes danificando a formação de NP's internos. Os artigos definidos e indefinidos segundo (ALFREDO, 2021) são de extrema importância na língua portuguesa por causa do seu poder semântico. A ausência dos artigos destacados em (1.2) e em (1.3) não apenas danificam a formação de NP's, mas também comprometem a Subcategorização verbal na formação dos Complementos Directos (CD) e como se viu anteriormente, as causas destas ausências associam-se a diversidade linguística em Moçambique, pois as línguas bantus funcionam sem determinantes como se viu em 1.1., 1.2. e 1.3.

1. O autor | nos convida a | reflectir | sobre escolhas | que podem afectar o nosso futuro.  
EEAGFCA1
  - 1.1. | reflectir sobre [-] escolhas | que podem afectar [-] nosso futuro.
  - 1.2. Reflectir sobre | (as escolhas) | PE

1.3...afectar | (o nosso futuro) | PE

A semântica da construção em (2) também é comprometida devido a ausência do determinante. O sentido de qualquer produção textual é dependente dos determinantes por causa do poder de carregam a semântica de definição e indefinição daquilo que se fala, deste modo, a construção que se apresenta em (2), o emprego em destaque aparece de forma geral sem informações da sua determinação e indeterminação, e tratando-se de um texto conhecido por todos, esperava-se que os nossos informantes usassem o artigo definido (o), não apenas para cumprir com os paradigmas Sintácticos, mas também semânticos como aparece em (2.1).

2. A Edna remeteu os documentos numa instituição para ver se | conseguia emprego.

EEAGFCA1

2.1. | conseguia (o emprego). | PE

### Ausência de concordância verbal

No *corpus* foi possível verificar vários casos relacionados com a ausência da concordância em situações obrigatórias e uma dessas ocorrências podem-se verificar nas construções em (3) e em (4). Nestas frases ajuizadas pelos informantes como gramaticais não obedecem as regras de concordância entre os dois termos.

Na frase em (3), o desvio centra-se na falta de concordância entre o Sintagma Nominal (uma mulher) e o predicado (SER) que se encontra na terceira pessoa do plural. Nestas ocorrências, o que se verifica é a falta de conhecimento referente aos termos que partilham semelhanças, neste caso, o correcto segundo a Norma Europeia usada em Moçambique seria a pluralização do SN com vista, não só a concordar com os demais termos, mas também para obedecer os parâmetros semânticos da frásicos.

1. O texto critica a forma como | uma mulher são | tratadas. EEAGFCA1

1.1. | uma mulher (é tratada) | PE

2. O texto tem conteúdos que critica o comportamento dos chefes. EEALFCA1

2.1. | Conteúdos que criticam | PE

### Colocação dos pronomes clíticos

Os estudos referentes ao uso dos pronomes clíticos são frequentemente estudados no Português falado e escrito em Moçambique. Alguns estudos são mais descritivos e outros explicativos como demonstram os estudos de WACHE (2018). A preferência de onde se deve usar o clítico parece novo para quem sai das línguas bantu para o Português e a razão disto cai

sempre na ausência destas partículas linguísticas nestas línguas e como consequência verificam-se casos apresentados em (5), (6) e (7).

1. Uma recém-formada em busca de emprego | que-se | encontra diante da pressão.  
EEALFCA1
  - 1.1. | Que se encontra diante da pressão | PE
2. | Nos leva a reflectir | sobre as formas de organizar o nosso futuro. EEALFCA1
  - 2.1. Leva-nos a reflectir |
3. O texto | nos informa | acerca de atitudes que as empresa fazem. EEAGFCA1
  - 3.1. | Informa-nos acerca de atitudes|
4. Falei-te.<sup>4</sup>
  - 4.1. Nda kubvundza (tay)<sup>5</sup>
5. Não te falei.
  - 5.1. Sida kubvundza (tay)<sup>6</sup>.

Os pronomes clínicos nas línguas bantu ocorrem dentro das formas verbais. Como se pode depreender em (8) e em (9), apresentam-se frases na forma afirmativa e negativa em Português e em Língua Sena (bantu), pode-se constatar nestes dois exemplos traduzidos a ausência do pronome clítico (TE). A palavra (NDA) no exemplo em (8.1) significa “EU” (KUBVUNDZA) significa “falar” em língua Sena e em (9), a palavra (DIDA) une duas palavras, respectivamente “EU” e “NÃO”. Quer-se com isto dizer que as línguas bantu não apresentam os pronomes clíticos e esta inexistência influencia directamente tanto na fala como na escrita do Português e estas influências podem-se verificar nos exemplos ajuizados pelos informantes como gramaticais em (5), (6) e (7).

Em (5) o desvio centra-se no uso do “hífen” uma vez que o pronome relativo é descrito como se vê em WACHE (2018) como atrator para ocorrência de próclise que é a posição antes do verbo. Em (6), de acordo com a norma usada em Moçambique, os pronomes clíticos, em casos de não haver palavras atractoras, devem ocorrer sempre na posição pós-verbal como aparece na versão apresentada em 6.1 e 7.2.

### Uso de anáfora em situações obrigatórias

---

<sup>4</sup>Este exemplo não faz parte do corpus, foi elaborado com intuítos de se explicar a ocorrência de clínicos em línguas do grupo bantu.

<sup>5</sup>Tradução de Língua Portuguesa para Sena.

<sup>6</sup> Segundo Ngunga *et al* (2022) A expressão (tay) é enfática, o seu uso é opcional, pois a sua retirada não danifica a semântica da frase.

Durante a recolha de *corpus*, verificou-se a co-ocorrência de Sintagma Nominal e o pronome pessoal com as mesmas funções, situações que achamos estranhas ao Português Europeu.

1. Nesta história está mostrando que | a mulher ela | quando tem um corpo invejável | ela | pode ter várias saídas. EEAGFCA1

1.1. Nesta história está mostrando que a mulher [-] quando tem um corpo invejável [-] pode ter várias saídas. PE

2. | A Edna ela | foi procurar emprego. EEALFCA1

2.1. A Edna foi procurar emprego. PE

A textualidade serve como uma pasta onde várias ferramentas são reservadas para o processo de arranjo dos textos em qualquer língua e o que se observa no *corpus* acima evidencia a ausência destas ferramentas especificamente o mau uso da anáfora. Os Sintagmas (A mulher) tanto como (A Edna) enceram as funções de sujeito, daí que a sua reutilização de forma seguida torna-se estranho em Português. E 9% de *corpus* revelaram a ocorrência de construções com estas características e as causas para estes desvios podem se associar a falta de leitura, pois se tratam de questões que se encontram em várias gramáticas.

## Conclusões

A Língua da ex-colónia Portuguesa foi introduzida como oficial nos princípios da década de 1980 como sustenta Wache (2018), mas o seu desvio em Moçambique tem sido o objecto de estudo de várias pesquisas, pois se tem verificado a sua variação distanciando-se das normas estabelecidas pela Norma Europeia e o contacto directo que o Português tem com as línguas do grupo bantu tem sido uma das principais causas apontadas por vários estudiosos como Wache (2018), Lindonde (2018) e Bartolomeu (2023).

Estas variações foram verificadas ao longo da análise do *corpus* como é o caso das ausências dos artigos definidos nas posições obrigatórias e mais adiante verificamos a escolha indevida da posição de ocorrência de pronomes clíticos e esses dois fenómenos segundo as análises comparativas feitas neste estudo concluímos que os informantes não possuem, não apenas o conhecimento das regras de gramática, mas também sofrem com a pressão que as suas línguas maternas fazem no processo comunicativo como estudantes do ensino superior.

Ainda nas nossas análises, verificamos a coocorrência de Sintagmas Nominais na mesma posição e com as mesmas funções semânticas o que apelidamos de “ocorrências estranhas”. Este estudo revela o nível do Português em uso em Moçambique e estas são as

razões fortes de se fazerem estudos profundos para possível padronização de certas ocorrências como é o caso da colocação dos pronomes cíticos cuja tendência centrou-se mais na próclise além da Ênclise como sugere a Norma Europeia em uso em Moçambique e aos demais desvios como é o caso da má escrita de palavras, tanto como ausência de artigos definidos na formação dos Sintagmas Nominais externos e internos verificamos que tinha a ver com a falta de prática de leitura que é um dos problemas também mencionados nos estudos de Siopa (s/d) como um dos factores que condicionam os desvios em estudantes universitários.

### Agradecimentos

Os meus sinceros agradecimentos vão para os meus estudantes de Licenciatura em Engenharia Agropecuária e os de Engenharia Alimentar, ambos da Universidade Zambeze – Faculdade de Ciências Agrárias pelo *corpus*. E ao Prof. Doutor. Júlio Sandaca pela disponibilidade para o desenvolvimvento da pesquisa.

### Referências

- BARTOLOMEU, Sousa Horácio. Análise das relativas de “que e onde” do português oral moçambicano. **Revista Inventário**. Salvador. nº32, 2023.
- CAMBRAIA, César.Nardelli. Ciência da linguagem: O fazer científico. Vol.1. 1ª Ed. Brasil, 2012.
- FERRIS, Dona. Teaching college writing to diverse student populations. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2009.
- FIRMINO, Gregório. A questão linguística na África pós-colonial: o caso do português e das línguas autóctones em Moçambique. Maputo: Promedia, 2002.
- NGUNGA, Armindo. Relatório do IV Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas. Maputo, 2022.
- ONÇALVES, Perpétua. A génese do português de Moçambique. Lisboa: Imprensa Nacional/C da Moeda. 2010.
- SIOPA, Conceição. Competências de escrita no ensino superior e o tratamento do erro em português l2. Maputo, S/d.
- WACHE, Francisco. Mateus. O português em (De) Moçambique: Áreas de ruptura. Editora Real design. Maputo, 2018.

### SOBRE OS AUTORES:

#### Sousa Horácio Bartolomeu.

Licenciado em Ensino de Português e Inglês pela Universidade Pungue, Extensão de Tete, em Moçambique. Membro da Comissão de Avaliação de Autoavaliação de Qualidade no Ensino Superior na Faculdade de Ciências Agrárias. Membro da “Comissão Científica” da Universidade Zambeze - Faculdade de Ciências Agrárias.

Contribuição de autoria: redação e revisão do texto.

**INFLUÊNCIA DA VARIEDADE LINGUÍSTICA MOÇAMBICANA NOS TEXTOS PRODUZIDOS  
PELOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS**

Sousa Horácio Bartolomeu • Júlio Bernardo Sandaca

**Júlio Bernardo Sandaca.**

Mestre em Educação / Ensino de Português pela Universidade Pedagógica (UP), Moçambique. Docente da Universidade Púnguè – Extensão de Tete – Tete, Moçambique. Membro do Núcleo de Estudos e Políticas Educativas (NEPE).

Contribuição de autoria: redação e revisão do texto.

<http://lattes.cnpq.br/7458186763365708>

**Como referenciar**

BARTOLOMEU, Sousa Horácio; SANDACA, Júlio Bernardo. Influência da variedade linguística moçambicana nos textos produzidos pelos estudantes universitários. **Revista Educação em Páginas**, Vitória da Conquista, v. 4, n. 4, e15844, 2025. DOI: 10.22481/redupa.v4.15844